



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

V 11 | n 20 | jan-jun 2022

Narradores do Monte Serrat

Maria Guilhermina Galdo Ruchaud



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

RUCHAUD, Maria Guilhermina Galdo. Narradores do Monte Serrat. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 82-99, jan-jun 2022. Semestral.

© NAUI

Narradores do Monte Serrat

Maria Guilhermina Galdo Ruchaud¹

Resumo

Este ensaio propõe reflexões sobre o campo da narratividade enquanto instância da vida política das cidades a partir de uma pesquisa etnográfica realizada na comunidade do Monte Serrat, em Florianópolis. A partir da leitura e interpretação de narrativas produzidas e compartilhadas por pessoas e entidades com papel de mediação na comunidade, procuro discutir o gesto de narrar em associação com os modos de produzir o próprio território na cidade, sempre em um complexo campo de disputas com as representações hegemônicas da cidade sobre suas periferias.

Palavras-chave: Monte Serrat; narrativa; cidade.

Abstract

This essay proposes thoughts on the field of narrativity as an instance of the political life of the cities, based on ethnographic research carried out in the community of Monte Serrat, in Florianópolis, Brazil. Through the interpretation of narratives produced and told by people and groups which play a mediation role in the community, I try to discuss the very gesture of narrating associated with the ways of producing the very territories of the city, in complex disputes with the hegemonic representations of the city on its peripheries.

Keywords: Monte Serrat; narrative; city.

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC (2016), mestra em Antropologia pela UFPel (2019) e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Email: guiruchaud@gmail.com.

Introdução

Seu Teco, Dona Uda, Padre Vilson. Nomes que são familiares para qualquer pessoa que viva ou tenha, em algum momento nas últimas décadas, estado na comunidade do Monte Serrat, no Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis. Mas pode ser que, mesmo não tendo estado no morro, você, leitor/a, possa ter tido contato com algum desses nomes através de um dos muitos trabalhos acadêmicos ou matérias jornalísticas que se referem à comunidade. Essas pessoas, entre outras que também são eventualmente citadas, vêm historicamente tendo protagonismo na produção das narrativas do Monte Serrat, notadamente a partir da oralidade, embora também tenham autoria ou coautoria em publicações. Este ensaio busca lidar com parte dessas narrativas a partir de algumas perspectivas teóricas, tensionando o próprio conceito de narrativa – associado ou não à oralidade – e algumas noções epistemológicas sobre a construção do território. Ainda, este ensaio é mais um discreto gesto, entre tantos outros existentes, de remeter à memória de Seu Teco, que nos deixou no difícil ano de 2020.

Fronteiras, igualdade e diferença

A leitura desses trabalhos acadêmicos a que me referi no parágrafo introdutório, bem como de matérias jornalísticas², normalmente nos conduz a histórias contadas por esses e outros importantes atores locais, que se referem às formas de produzir e habitar o território do Monte Serrat. Tendo ouvido em primeira mão algumas dessas histórias – da parte de Seu Teco três ou quatro vezes em diferentes ocasiões – posso relatar quase de memória algumas delas, que podem ser confirmadas através das referidas leituras.

Seu Teco cumpriu à risca sua promessa de nunca deixar o morro onde nasceu nos anos 1950 – “só saio daqui quando encontrar meu umbigo” (Diário de Campo, 2015) – e ao longo dessas décadas teve participação ativa na própria produção do território, seja pelo envolvimento nos mutirões de construção de casas de vizinhas/os e no calçamento das ruas do morro ou pela participação na vida política e simbólica local, através de

² Araújo (2006) fez pesquisa documental em três jornais que circulavam em Florianópolis nos anos 1950 e 1960 (O Estado, A Gazeta e A Verdade); Ruchaud (2019) fez pesquisa em três jornais em Florianópolis entre 2014 e 2018 (Hora de SC, Notícias do Dia e NSC Total).

entidades como o Conselho Comunitário e a Embaixada Copa Lord³. Parte desses mutirões, aliás, deveu-se à participação ativa do Padre Vilson Groh, que, no contexto das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), mudou-se para o Monte Serrat nos anos 1980, desde então tendo tido protagonismo em conquistas políticas da comunidade junto à cidade formal. Boa parte dessas conquistas, por outro lado, tiveram como figura central Dona Uda, ex-presidenta da Copa Lord e matriarca da educação no morro, por meio do envolvimento na construção de muitas escolas (inclusive como professora) até a conquista da construção de um equipamento escolar estadual no alto do morro⁴, caso raro nas periferias florianopolitanas. Em quase todos os casos, as conquistas históricas relatadas são revestidas de valores como luta e resistência de uma comunidade marcada pela identidade negra, pela pobreza, mas também pela solidariedade e união, e se traduzem na materialidade (RUCHAUD, 2019).

O protagonismo da materialidade é importante na medida em que o Monte Serrat se coloca, pela mediação dessas narrativas, como parte da cidade de Florianópolis, em oposição aos discursos oficiais que, desde o início de sua ocupação nos anos 1920, situa as periferias e territórios negros como problemas a serem sanados pela ordem urbana (FONTOURA TEIXEIRA, 2009; SANTOS, 2009). Jornais dos anos 1960 referiam-se às comunidades do morro como “a mais viva expressão do nosso atraso urbanístico” (ARAÚJO, 2006), e antes disso o geógrafo Wilmar Dias, um dos responsáveis pelo Plano Diretor de 1950, referia-se a “essas favelas, na sua maior parte ocupadas pelo elemento negro que, dadas as condições de extremo pauperismo em que vive, não mais podem manter-se na área peninsular supervalorizada da cidade” (DIAS *apud* SANTOS, 2009).

Nesse sentido, esse *colocar-se como parte da cidade* é revestido de táticas (CERTEAU, 2002) que tensionam a própria ideia de diferença, como a ressitua-la no campo discursivo: sim, o Monte Serrat é diferente do Centro da cidade; mas o Monte Serrat tem o direito a ser diferente, e existe valor nessa diferença. Entendo esse

³ A Sociedade Recreativa Cultural e Samba (SRCS) Embaixada Copa Lord é a segunda Escola de Samba mais antiga da cidade, fundada em 1955, desde então tendo sido muito bem sucedida nos concursos de desfiles anuais nos carnavais, e é um dos principais elementos que representam o Monte Serrat perante a cidade (RUCHAUD, 2019).

⁴ A atual Escola Lucia do Livramento Mayvorne foi administrada pelo Estado de Santa Catarina até meados da década de 2000, quando, sob ameaça de fechamento, passou a ser gerida pelos Irmãos Maristas, que mantêm sua gratuidade e laicidade e promovem métodos de ensino associados à cultura e territorialidade locais (RUCHAUD, 2019).

movimento associado à ideia de tática presente em Certeau, como “movimento dentro do campo de visão do inimigo (...) e no espaço por ele controlado” (2002, p. 100), no sentido próprio de apropriação de fronteiras criadas pela institucionalidade que nega a legitimidade da existência de lugares como o Monte Serrat. Esse jogo complexo entre igualdade e diferença está sendo pincelado e será abordado mais adiante.

Entendo que é nesse jogo que se pode compreender a presença marcante das histórias dos calçados sujos de barro até os anos 1980, quando a comunidade pavimentou a rua em mutirão após a conquista dos materiais de construção junto à prefeitura; da configuração atual da igreja, também reformada em regime de mutirão naquele período (MACHADO, 1999); e mesmo dos ônibus, que, embora não sejam efetivamente os mesmos, seguem carregando sobre suas rodas e lataria o símbolo de uma conquista histórica, que foi a existência das linhas de ônibus dos morros – o primeiro ônibus a subir uma comunidade do Maciço do Morro da Cruz foi o do Monte Serrat, configurando um momento histórico (ANJOS, 2016).

Esses movimentos de transformação da materialidade do Monte Serrat são normalmente narrados como eventos situados no tempo, com início, meio e fim. Eles são, por sua vez, quase todos concentrados em um mesmo período histórico, um período pode-se dizer “heróico” (o termo sou eu que estou propondo), de transformações e conquistas que reverberam até hoje e ajudam a consolidar os papéis de lideranças (formais ou informais, a depender do contexto) de pessoas como Seu Teco, Dona Uda e Padre Vilson. Esse período, fim dos anos 1980 e início dos 1990, por sua vez, pode ser associado a um momento histórico mais abrangente que se refere à macropolítica brasileira e mesmo global, em que, com a redemocratização na política institucional brasileira, muitos municípios experimentaram gestões chamadas de “populares”, associadas ao campo progressista, identificadas com as pautas das periferias, e que tiveram um papel importante na condução de processos como os mutirões (FELTRAN, 2010). Essa discussão não é o objetivo deste ensaio; o que pretendo aqui é pensar no lugar que essas narrativas desse período “heróico” ocupam no cotidiano do Monte Serrat, para além de eventuais consequências práticas e materiais desses eventos.

Proponho que os eventos narrados não são casuais, como tampouco o são as formas pelas quais esses eventos são narrados. Essas histórias possuem um papel importante na construção simbólica dos sentidos do que é ser o Monte Serrat, do que é o Monte Serrat

com relação à cidade – uma comunidade formada por um povo negro guerreiro, trabalhador, por famílias com laços que remontam a décadas e que formam uma rede de solidariedade através da qual se conquistaram direitos que antes eram inacessíveis ao morro. O lugar da diferença aparece em uma fala do Padre Vilson, que teve a oportunidade de ouvir em campo, em que, mirando o Centro a partir da escadaria da Igreja do Monte Serrat, o pároco local opunha aquela “cidade branca, verticalizada, inodora” ao “labirinto de cores e de cheiros” onde estávamos. A marcação da diferença também aparece nos eventos não narrados: se a pavimentação da rua com lajotas nos anos 1980 é um evento contado e recontado, por outro lado não consegui descobrir quando ou como foi feito o asfaltamento das principais ruas do Monte Serrat.

A partir dessa relação entre presença e ausência, quero pensar essas histórias no contexto da ideia de *narrativa* a partir da perspectiva de Sonia Maluf (1999), como ordenamento das ideias para produção de sentido que se dá no momento da interlocução, “(...) desse ‘encontro com o outro’, onde se busca, além de olhar, ver; além de ouvir, escutar; além dos fatos, sentido” (MALUF, 1999, p. 70). Assim, a partir daqui, pretendo situar essas histórias no campo da narratividade, associando-as a esse movimento de produção de sentido por seu ordenamento, a partir da interlocução com o outro e pensando-as no contexto mais abrangente das táticas em relação à cidade.

A missa do Dia de Reis

Antes de prosseguir pelas ruas (agora asfaltadas) do morro, quero remeter a uma missa do Padre Vilson para pensar esse sentido de narrativa e associar com os eventos narrados e não narrados. Em um 6 de janeiro, Dia de Reis, o padre contou sobre a crucificação de Cristo para a igreja lotada. Segundo ele, o objetivo dos romanos não era só matar Jesus Cristo, mas matar suas ideias e as memórias a seu respeito, e se Jesus vive até hoje é porque sua história permanece sendo contada. Nessa toada foi que ouvi pela primeira vez a frase que ouviria em outras situações, “quem não tem memória não faz história” (Diário de Campo, 2018). Nas palavras do pároco e líder comunitário, a referência constante às memórias da comunidade é fundante para que o Monte Serrat siga em busca de suas conquistas frente à cidade, e mesmo a Paixão de Cristo pode nos lembrar dessa urgência.

O interesse especial que tenho no enunciado dessa missa está em suas múltiplas possibilidades no campo do estudo das narrativas. Podemos interpretar essa fala do padre como uma *performance* de *ordenamento* da história bíblica como forma de “busca de sentido”, nos termos de Maluf (1999, p. 70). Mas o sentido próprio que o padre está buscando nesse ordenamento é o da necessidade própria de narrar como forma de cultivar a memória e, assim, fazer história. O que se coloca aqui é o campo da narratividade associado ao campo das táticas (CERTEAU, 2002) no sentido de apropriação e disputa das linguagens que conformam as narrativas oficiais sobre a cidade e legitimam determinadas relações e formas de produzir e habitar, em detrimento de outras. Nesse sentido, a preservação da memória das lutas das/os antepassadas/os pela construção das ruas, da escola e da própria cultura do Monte Serrat é colocada pelo Padre Vilson como condição para que a comunidade possa afirmar seu valor perante a cidade, colocar seu direito a existir, conquistar seus direitos – “fazer história”.

Quando associo a forma como o Monte Serrat vem produzindo suas próprias narrativas e as colocando frente à cidade em uma disputa por legitimidade (RUCHAUD, 2019) às táticas de Certeau (2002), refiro-me a um tipo de “ação calculada” (CERTEAU, 2002, p. 100) que só existe em relação ao outro, e mais especificamente às regras colocadas por um outro que impõe um terreno. O ato de disputar narrativas, proponho, parte da compreensão de que uma parte importante dos mecanismos de deslegitimação das populações periféricas (e aqui, como em tantas outras periferias, negras) está na forma como se narra a cidade, por meio do aparato legal, dos jornais, da universidade e de outras instâncias mediadoras das narrativas oficiais. Aqui penso em mediadores como instâncias que “traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculem” (LATOIR, 2012, p. 65).

Não é por acaso, nesse contexto, que, a partir do início dos anos 1990, o Monte Serrat passou a aparecer em trabalhos acadêmicos (o primeiro deles a monografia de graduação em geografia de um morador local, em 1992)⁵ e matérias jornalísticas como um lugar marcado por longevidade, tradição e solidariedade (RUCHAUD, 2019) em oposição à ideia dominante sobre as periferias nesses espaços, que marcava a presença da

⁵ SOUZA, Eronildo Crispim de. **Estudo da estrutura interna e das relações sócio-espaciais da comunidade do “Mont Serrat” - Florianópolis-SC**. 1992. 71 f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

comunidade nas décadas anteriores (ARAÚJO, 2006). Um exame dos veículos de mídia de maior circulação na cidade (*Diário Catarinense*, *Hora de SC* e *Notícias do Dia*), na última década, revela não só uma transformação no tratamento que o Monte Serrat vem recebendo como uma diferença entre o Monte Serrat e outras localidades consideradas periféricas, que ainda são retratadas quase sempre por notícias que as associam à violência e à ocupação desordenada.

Esta pesquisa nos principais meios de comunicação pode indicar um aparente sucesso localizado, em que a comunidade organizada do Monte Serrat consegue se colocar perante a grande mídia como um lugar com valores positivos, sendo retratada por aspectos como longevidade, solidariedade e “consciência negra”, em evidente contraste com o tratamento recebido por outras comunidades periféricas da cidade (RUCHAUD, 2019)⁶. Por outro lado, a mídia alternativa, formada por veículos não hegemônicos e sem vinculação com as grandes empresas de comunicação, tem se revelado um importante suporte para essa disputa no campo discursivo, produzindo, em uma linguagem jornalística, alternativas às narrativas predominantes sobre as periferias da cidade. Nesse contexto, é possível encontrar matérias em veículos como Portal Catarinas, Portal Desacato, Maruim e Floripa Centro, em que o Monte Serrat tem visibilizados eventos cotidianos como a inauguração da Praça da Caixa d’Água, iniciativas de empreendedorismo locais, reivindicações sobre a qualidade do transporte coletivo e inclusive o falecimento de Seu Teco. Esses veículos também relacionam constantemente o Monte Serrat a sentidos de tradição, longevidade e lutas da comunidade negra, enfatizando essa disputa narrativa sobre a história de Florianópolis.⁷

⁶ Essas informações se referem a uma pesquisa documental realizada para a dissertação de mestrado do autor no ano de 2018 e a matérias publicada nos veículos citados no período entre 2013 e 2018. As matérias específicas são referenciadas por Ruchaud (2019, p. 127-131).

⁷ Monte Serrat e o transporte público: sobre corpos deteriorados pelo cansaço. Catarinas, 26/4/2017. Morro do Centro com caixa d’água desde 1910, e que só teve água encanada 70 anos depois, ganha primeira praça. Floripa Centro, 6/8/2019.

Monte Serrat se despede do Seu Teco, um dos fundadores do Centro Cultural Escrava Anastácia. Desacato, 3/8/2020.

Turismo nos morros do Centro – Comunidade oferecerá visitas guiadas a mirantes, parques e locais históricos. Floripa Centro, 19/7/2021.

Encruzilhadas

A apropriação da linguagem e regras do jogo do grupo dominante é um elemento importante para se compreender como têm se dado as disputas no espaço social urbano nas últimas décadas, por meio de um enfrentamento que não é o combate direto (que oporia forças evidentemente díspares, inclusive em termos físico-materiais), mas sim uma apropriação e ressignificação das próprias ferramentas do grupo dominante.

Proponho situar essas táticas do Monte Serrat, ligadas à disputa de narrativas nos campos de mediação, em um terreno mais abrangente de uma epistemologia própria dos grupos periféricos, ou das *encruzilhadas*, nos termos de Leda Martins (1997). Em *Afrografias da Memória*, a autora elabora, a partir do mito fundacional da devoção a Nossa Senhora do Rosário, importantes reflexões sobre as variações desse mito possíveis significados em termos de ordenamento do mundo e produção de sentido, em que “(...) a transcrição da fábula pelos congadeiros funda-se num ato criador textual coletivo que produz uma teia discursiva, em movimento contínuo” (MARTINS, 1997, p. 49). Entre os três elementos identificados pela autora como constantemente repetidos nas diferentes versões desse mito, quero direcionar nossa atenção “à instauração de uma hierarquia e de outro poder fundados pelo arcabouço mítico” (MARTINS, 1997, p. 56). Em todas as versões, Leda Martins identifica formas pelas quais as pessoas negras, diante de quem a figura de Nossa Senhora do Rosário apareceu na água, operam gestos ambíguos de reconhecimento da posição hierárquica dos senhores brancos para encontrar meios, passagens, espaços simbólicos, para trazer a santa para a terra, seja pedindo autorização dos senhores para invocá-la por meio dos tambores (e permitindo que eles também operassem seus próprios ritos por meio da música), seja fazendo-o no meio da madrugada sem que eles pudessem ver (MARTINS, 1997). Em todos os casos, essas pessoas não enfrentaram diretamente seus opressores, mas operaram de forma a fazê-los crer que respeitavam seu lugar hierárquico, mesmo entendendo que era para elas que Nossa Senhora do Rosário havia aparecido. Não se trata de reconhecer ou de não reconhecer; de respeitar ou de não respeitar; mas, sim, de um *lugar terceiro*, configurado pela ideia de encruzilhada.

A encruzilhada, *locus* tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e,

portanto, da *performance*, é lugar radial de centramento e descentramento, intersecções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção sêmica diversificada e, portanto, de sentidos (MARTINS, 1997, p. 28).

Nessa perspectiva, proponho situar as *narrativas* do Monte Serrat nesse lugar da *encruzilhada*, colocando o Monte Serrat como esse lugar que não é cidade mas não é periferia, que não é conciliação mas não é enfrentamento, um lugar terceiro, construído a partir de uma epistemologia operada pela população negra que constrói o território em termos materiais e simbólicos (sem querer incorrer em uma nova dicotomia), por meio da inserção em seu cotidiano das histórias de seu passado de lutas e solidariedade.

Passado e presente, memória e narrativa, evento e ordinário

O papel atribuído ao passado no presente da comunidade me parece profundamente incorporado nas narrativas a que tive acesso em minha incursão a campo. Com frequência, os episódios passados narrados vinham acompanhados de valorações morais sobre as pessoas envolvidas – não raro também com uma desqualificação da situação presente, em que supostamente as pessoas não teriam mais interesse em ajudar umas às outras (RUCHAUD, 2019). Essa valoração aparece nas histórias de Seu Teco, sobre as quais vou me debruçar em breve, na missa do Padre Vilson, mas também em narrativas praticadas no cotidiano do morro, em histórias contadas por pessoas que não necessariamente ocupam espaços de representatividade, como quando moradores da Nova Descoberta comentavam entre si em um bar sobre o “trabalho de formiguinha” que exerceram no passado para construir a escadaria que conforma a servidão (Diário de Campo, 2018). É lógico que há que situar esse discurso pela minha própria presença – aqui há a necessidade de se fazer “o exame da situação de enunciação ou de *performance*” (MALUF, 1999, p. 75). Mas, mesmo nessa situação, observo tratar-se de uma “necessidade de contar” como “ato interpretativo, onde o indivíduo reflete sobre sua própria história e lhe dá um sentido” (MALUF, 1999, p. 76).

A partir dessa reflexão, quero pensar o lugar desses “eventos” de mutirão contados e recontados por figuras que vão desde Seu Teco até o anônimo na mesa do bar,

particularmente sobre a posição desses eventos no cotidiano. Para esta sessão, pretendo pensar sobre “(...) o modo como o evento se prende, com seus tentáculos, à vida cotidiana e penetra os recessos do ordinário” (DAS, 2020, p. 22). De fato, esses não são apenas eventos do passado que são lembrados com carinho e algum saudosismo, mas são presenças marcantes no cotidiano de uma comunidade, inclusive de uma juventude que não presenciou esses momentos, mas que cresceu entendendo que seu valor como sujeitos tem profunda relação com os eventos narrados. São eventos que, assim, prendem-se ao cotidiano e agenciam em diversos graus as práticas ordinárias, associadas à própria compreensão que as pessoas têm sobre a comunidade a que pertencem e, portanto, a expectativas e potencialidades de suas práticas. Veena Das (2020, p. 29) pensa no evento “como instância sempre ligada ao ordinário, como se houvesse tentáculos que se deslocam do cotidiano e prendem a si o evento de alguns modos específicos”.

Esses eventos narrados são uma presença no cotidiano e desempenham importante papel no sentido da produção de sentidos. Isso pode causar uma confusão com o termo “memória”, operado pelo Padre Vilson em sua narrativa da Paixão de Cristo. A ideia de ordenamento para a busca de sentido pode levar a questionamentos sobre o que de fato aconteceu nos eventos a que se referem às pessoas (os mutirões de calçamento da rua, por exemplo) e o que é contado como forma de valorizar aqueles momentos. Paul Ricoeur propõe uma organização dessa confusão:

A passagem da memória à narrativa impõe-se assim: lembrar-se, de forma privada assim como de forma pública, e declarar que ‘eu estava lá’. O testemunho diz: ‘eu estava lá’. E esse caráter declarativo da memória vai se inscrever nos testemunhos, nas atestações, mas também numa narrativa pela qual eu digo aos outros o que eu vivi (RICOEUR, 1998, p. 44).

A partir da contribuição do autor, proponho que não existe um elemento *indexador*, um evento objetivamente colocado a partir do qual as narrativas foram sendo produzidas; mas que os eventos foram vividos pelas pessoas de tão diversas maneiras quanto podem ser diversas suas interpretações, as referências das pessoas que as vivenciam, os contextos de enunciação. Quero pensar aqui nesses eventos não como eventos passados, fixados na memória, a partir dos quais se constituem as narrativas; quero pensar nos eventos e, portanto, em suas narrativas, como presenças que, por si só, produzem o território, constroem significados, agenciam a construção do morro no cotidiano – ou, nas palavras

do Padre Vilson, “fazem história”. Aqui pego emprestada a ideia “confabulação”, nos termos de Vânia Cardoso:

Compreender o modo como esse contar de estórias não apenas descreve o mundo, mas produz novas formas de conhecimento acerca do mundo é o que me leva a pensar nestas performances narrativas como confabulações. Isso significa pensá-las como práticas narrativas que configuram um mundo vivenciado pelos sujeitos e que dão forma a um imaginário que afeta o cotidiano, produzindo práticas e sentimentos acerca do mundo (CARDOSO, 2013, p. 56).

Situadas essas compreensões sobre essas narrativas, e brevemente conceituadas as ideias de táticas, encruzilhadas e confabulações caras a este trabalho, quero enfim compartilhar um pouco do que tive a oportunidade de ouvir de Seu Teco, “confabulações” que narram uma parte importante da história do Monte Serrat e que seguem profundamente presentes no cotidiano da comunidade.

Zé Gago

A primeira ocasião em que tive a oportunidade de ouvir as histórias de Seu Teco foi em 2015, quando o professor Lino Peres, antes de imaginar que se tornaria meu orientador de TCC, conduziu uma visita guiada com a turma de Teoria Urbana III do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC, saindo do campus universitário, subindo pela comunidade da Serrinha e descendo pelo Monte Serrat em direção ao Centro. Era uma caminhada que o professor conduzia semestralmente e que atraía estudantes não necessariamente matriculadas/os à disciplina – eu chegaria a refazê-la em outras duas ocasiões. Mas essa situação em 2015 foi a primeira vez em que tive a oportunidade de conhecer o Monte Serrat. Fazia um calor tremendo e, embora a altitude do Morro da Cruz amenizasse a temperatura, o percurso de descida foi feito já próximo do meio-dia, de modo que o momento de parar em frente àquela casa foi, primeiro, um momento de alívio do cansaço que havia se acumulado ao longo daquela manhã. De fato, o professor Lino falava sobre a experiência corporal da cidade como um dos elementos centrais daquela caminhada.

A casa em frente à qual paramos, situada na parte alta da Rua General Vieira da Rosa, era visivelmente maior do que as do entorno, e com implantação também pouco

usual, com um grande recuo com relação à rua. Havia sido construída poucos anos antes e estava em permanente reforma, como eu aprenderia dali a um ano, em uma nova visita. Era a casa de Seu Teco, que parou em frente ao portão com sua característica boina e bigode cinzas e pacientemente esperou até que toda a turma se amontoasse naquele trecho estreito da rua principal do morro. Dali em diante meu cansaço seria totalmente esquecido e minha atenção seria totalmente capturada pela ambiência criada por Seu Teco em sua contação de histórias sobre o Monte Serrat.

Aproximadamente um ano depois, eu já fazia meu TCC tendo o Monte Serrat como temática, sob orientação do mesmo professor Lino. Um colega comentou comigo no Restaurante Universitário (RU) da UFSC que estava produzindo um documentário sobre o grande tema da autoconstrução (nunca soube se foi concluído) e me perguntou se eu podia indicar alguém para entrevistar. Imediatamente me lembrei de Seu Teco e, com esse meu colega, voltei àquela casa, dessa vez com muito mais tempo disponível e com menos gente, e assim pudemos conhecer todo o interior da casa. A história gravada pela câmera de meu colega foi a mesmíssima que eu havia ouvido naquela primeira ocasião, embora com particularidades provocadas pela dinâmica da entrevista. Essa mesma história eu encontraria depois transcrita em materiais que usei como referências bibliográficas para meu mestrado, como a tese de doutorado em Geografia de André Luiz Santos (2009) o TCC de Jornalismo de Priscila dos Anjos (2016). Vou recontar aqui, mas infelizmente a/o leitor/a não terá o deleite de conhecê-la contada nas palavras de Seu Teco.

A mais conhecida dessas narrativas é aquela sobre o mutirão de pavimentação das ruas principais do Monte Serrat, a General Vieira da Rosa, na década de 1980. De acordo com Seu Teco, até então as ruas de terra recebiam manutenção anual no mês de setembro, em função da festa da padroeira da comunidade. “Eles mandavam o pessoal da comunidade arrumar o caminho. Aí nós arrumava as valas e colocava terra. E vinha a procissão. Se chovesse, se desse aqueles temporais... daí a vala não aguentava. E ficava desse jeito até o ano seguinte”. Tudo mudou em 1983, quando a Prefeitura Municipal cedeu materiais e equipamentos para que a população fizesse a pavimentação das vias principais – “Vamos dar um jeito pra arrumar nosso caminho. A turma que trabalhava à tarde vinha de manhã, a que trabalhava de manhã vinha à tarde. Fizemos a rua até a igreja. Ficou a parte de cima por fazer, vamo falar com o prefeito”.

Seu Teco se referia também a um engenheiro, cedido pelo poder público municipal, que ofereceria assistência técnica e que, segundo o narrador, reconhecia a autonomia da comunidade – “Quem mora aí são vocês”. Outros personagens importantes são o mestre de obras Zé Gago e o operador da retroescavadeira. “A prefeitura cedeu a retroescavadeira e o operador morava lá em cima da rua. O sacana morava aqui... e a gente tinha que dar um dinheiro pra ele”. E então a história prossegue com uma envolvente riqueza de detalhes. “Começamos com vinte e oito homens. Depois, mulheres e crianças. Começamos na base da picareta. (...) E ali todo mundo trabalhava. Aqui tinha pedreiro, mestre de obras, carpinteiro, cada um ajudava como podia. Todo mundo dava coisas, comida, vinho. Cada um dava sua contribuição, né?”. Pelas narrativas de Seu Teco, a ajuda coletiva não era exercida somente na forma da execução da obra em si, mas por diversos gestos de solidariedade. “No domingo era até o meio-dia. E a gente sempre sentava todo mundo pra discutir. De sábado e domingo. (...) Era mulher, era criança, todo mundo ajudava. Formiga carregadeira”.

Um dos elementos a que Seu Teco mais dedicava tempo e atenção era a anedota de como Zé Gago coordenou a ordem de calçamento da via. “Eu dizia: ‘nós vamos começar de baixo pra cima’. Aí o Zé dizia ‘ca-ca-cala tua bo-bo-boca, que tu-tu-tu só sabe beber cachaça’”. O recurso da imitação da gagueira do amigo está presente em transcrições e era sempre acionado por Seu Teco em meio a risadas controladas do próprio narrador, que parecia se divertir particularmente com esse momento. “Eu achava que tinha que ser de baixo pra cima, pra não ter que subir material. Mas respeitei porque ele era o encarregado. Então começamos a calçar a rua de cima pra baixo. Depois ele veio me dizer. ‘Ta-tas vendo o-o-o que ta a-a-acontecendo?’ Vou dizer por quê. Quem tava em cima só ia querer fazer o calçamento até a sua casa. Tu achas que eu ia continuar subindo o morro? E assim a gente começou de cima pra baixo, que quem mora lá tinha que ajudar e quem mora aqui embaixo também”.

Antes de continuar as histórias de Seu Teco, quero me debruçar um pouco sobre essas anedotas como narrativas produtoras de sentido. Para isso, convido para a conversa

o antropólogo Renato Rosaldo⁸, que em sua interpretação de narrativas dos Ilongot das Filipinas trouxe importantes reflexões sobre as interpretações de relatos etnográficos.

Em vez de ver as atividades humanas se desdobrarem por meio de sequências programadas como a rodada diária, o ciclo anual, ou o ciclo de vida, as narrativas dos romancistas muitas vezes jogam com a duração temporal para criar uma sensação carregada de suspense da ação significativa no mundo. Ao passar de uma versão de realismo para outro, de ver a ação humana guiada por expectativas culturalmente apropriadas, para o contar de histórias fascinantes sobre encontros com o inesperado, tentarei mostrar como a narrativa pode fornecer uma fonte particularmente rica de conhecimento sobre o sentido que as pessoas encontram em suas vidas cotidianas. Essas narrativas muitas vezes são mais sobre o que pode fazer a vida valer a pena do que sobre como ela é rotineiramente vivida (ROSALDO, 1986, p. 98).

As análises propostas por Rosaldo (1986) também podem orientar a leitura de elementos específicos presentes nessas narrativas tão distantes daquelas dos Ilongots, a partir desse direcionamento do olhar às formas de contar. O que estou propondo aqui é que as escolhas de ritmos, palavras e tons de Seu Teco não são por acaso. As longas pausas em que o narrador fitava a paisagem do morro, o tom de suspense sobre as razões pelas quais Zé Gago indicava calçar o morro de cima para baixo, e mesmo a zombaria mútua entre ele e seu amigo, todos esses elementos têm um papel nas narrativas que essas histórias ajudam a construir. Ocorre um efeito similar com a escolha do Padre Vilson pelas adjetivações – “cidade verticalizada, branca, inodora, labirinto de cores e de cheiros”. Esses narradores estão compondo uma ambiência, uma imersão que, ao mesmo tempo, seleciona atributos e qualifica os ambientes sem precisar dizer que o estão fazendo.

A particularidade desse evento de pavimentação da via dialoga também com aspectos da forma de vida da comunidade, em que a solidariedade das/os vizinhas/os e o engajamento na causa coletiva aparecem como elementos centrais, embora diluídos nos detalhes às vezes técnicos do mutirão. Mesmo o tom jocoso com que Seu Teco imitava Zé Gago, e com que Zé Gago chamava Seu Teco de cachaceiro, pode indicar a construção cuidadosa de personagens que são visivelmente pessoas humildes, simples, mas que acabam por atribuir uma importante valoração à sabedoria popular, à agência das pessoas

⁸ Tradução do original em inglês feita coletivamente, com participação deste autor, para a disciplina de Antropologia e Narrativa, ministrada pela professora Vânia Zikan Cardoso, ofertada no primeiro semestre letivo de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), não publicada.

comuns no sentido de produzir seu território. A *performance* narrativa e seu conteúdo em termos de ordenamento simbólico estão profundamente associados. Como propõe Cardoso (2013, p. 43), “Essas estórias são como traços do passado que se insinuam no presente através das performances do narrar. Tais estórias não estão enquadradas como eventos de performance de um narrador, e a poética local resiste à sua textualização enquanto estórias dissociadas da socialidade da performance narrativa”.

É importante observar como essas histórias de Seu Teco quase sempre entrelaçavam-se com outras narrativas sobre o Monte Serrat, como a compor uma totalidade. Na ocasião mencionada em que fui com meu colega a sua casa para filmar um documentário (na verdade ele foi filmar, e eu fui colher relatos para meu TCC), Seu Teco começou dizendo que “aqui era uma família, se precisasse de alguma coisa...”, e que “de setenta pra cá começou a mudar”. Invocou a figura das lavadeiras, quase sempre presentes nas narrativas de origem do Monte Serrat, e a bica como lugar de sociabilidade – “Na bica a gente ficava sabendo de tudo. Se alguém tava com a unha doendo, vamos lá visitar. Hoje tá cada um na sua casa”. As referências às transformações da cultura local sempre se intrometiam nas histórias – “Sempre o povo se uniu. Hoje ninguém quer mais sujar o sapato”. Com esse tom nostálgico, Seu Teco narrava também a construção das casas de madeira em mutirão, em que toda a vizinhança se envolvia, e explicava que atualmente cada um faz sua casa individualmente, situação também carregada de valores morais, como quando o narrador contou de um vizinho que teria feito uma oferta de compra da casa que ele construiu. “E o senhor vende a casa?”. [Silêncio]. ‘Meu filho, algum dia tu construísse? Não? Então. Não tem casa pra vender’. Hoje as pessoas que constroem só põem o dinheiro. E acham que é assim. Que nem assim, ó. ‘Ah, eu sou Copa Lord’. Aí eu pergunto. ‘Sabes onde a Copa Lord nasceu? Perdesse noite de sono pra construir a sede? Não? Então não és Copa Lord’”.

É interessante observar como as narrativas carregadas de valor sobre o gesto de produzir a materialidade – seja da rua, das casas ou da sede da Copa Lord – permanecem presentes mesmo entre uma juventude que não vivenciou esse período que chamei de “heróico”, indicando essa intromissão dos eventos no cotidiano a que se refere Das (2020) e a produção de um sentido identitário a partir do ordenamento desses eventos. O complexo jogo entre o reconhecimento de valor dessa forma de produzir o território e o envolvimento em outras formas de produção – seja pela contratação da construção de sua

própria casa, pela construção de imóveis para aluguel, ou pela luta política para que o Estado construa infraestrutura – não parece implicar em uma contradição, embora possa “colocar em intriga” as narrativas que ajudam a construir a identidade local, nos termos que Ricoeur (1998) entende como a “refiguração”, parte essencial dos processos que constituem as narrativas para o autor. Entendo, por outro lado, que não se trata de construir de um ou de outro jeito (em mutirão, por conta própria, pela reivindicação política), mas sim um construir situado na encruzilhada a que me referi com a companhia de Leda Martins (1997), um conjunto de processos ao mesmo tempo autônomos e relacionais, coletivos e individuais, em que é menos a forma precisa de construir a materialidade e mais essa associação de formas com seu ordenamento simbólico que produz a ideia do morro sobre si e em relação ao outro. As narrativas sobre a construção produzem fundamentalmente a própria comunidade, “um contar de histórias disperso no cotidiano composto e recomposto em grande parte pela socialidade desse contar” (CARDOSO, 2013, p. 44).

Considerações finais

Equilibrando-me entre o debate envolvente e o risco de me estender demais, busquei abordar de forma introdutória alguns aspectos pelos quais minha experiência etnográfica no Monte Serrat como ouvinte de narradores locais pode ser revestida de sentido a partir do diálogo com autoras/es que trabalham o próprio conceito de narratividade. Busquei lidar com um sentido político da narrativa, associada à própria produção do território, e com olhares mais direcionados às *performances* das/os narradoras/es, e principalmente compreender como estas *performances* fazem parte de uma dinâmica mais abrangente de disputa pelas formas de fazer cidade. Entendo as narrativas do Monte Serrat, indissociáveis de suas *performances* narrativas, como parte fundamental da produção de seu território, em uma dinâmica relacional sutil e complexa com o restante da cidade, entre reconhecimento, deslocamento e reconstrução permanente das ideias de fronteira e diferença.

Referências

- ANJOS, Priscila dos. **Próxima Parada: Monte Serrat**. 2016. 4 v. TCC (Graduação) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://readymag.com/jorufsc/proximaparadamonteserrat/>. Acesso em: 7 jun. 2018.
- ARAÚJO, Camilo Buss. **Os pobres em disputa: Urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água, Florianópolis – anos 1950 e 1960**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- CARDOSO, Vânia. Contar o passado, confabular o presente: performances narrativas, poéticas e as construções da história. In: RAPOSO, Paulo. et al. **A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: EdUFSC, 2013.
- CERTEAU, Michel de. Culturas populares. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 2. p. 75-108.
- DAS, Veena. **Vida e Palavras: A Violência e sua Descida ao Ordinário**. São Paulo: Editora da Unifesp, 2020.
- FELTRAN, Gabriel. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de Antropologia**, v. 53, n. 2, p. 565-610, 2010.
- FONTOURA TEIXEIRA, Luiz Eduardo. **Arquitetura e cidade: A modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina, 1930-1960**. 2009. 377 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador-Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.
- MACHADO, Marta Magda Antunes. **Palavra feminina na periferia da igreja: A participação das mulheres na organização da Comunidade “Mont Serrat”, Morro da Caixa d'Água, em Florianópolis/SC**. 1999. 321 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MALUF, Sonia. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, v. 5, n. 12, p. 69-82, 1999.
- MARTINS, Leda. **Afrografias da memória**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.
- RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. In: **Urbanisme**, n. 303, nov/dez., p. 44-51, 1998.
- ROSALDO, Renato. Ilongot Hunting as Story and Experience. In: TURNER, V. e BRUNER, E. (Org.). **The Anthropology of Experience**. Illinois: University of Illinois Press. p. 97-138, 1986.
- RUCHAUD, Guilherme Galdo. **Entre as lajotas do Monte Serrat: narrativas e materialidades na construção da cidade em Florianópolis**, 2019, 217 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro: A geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis**. 2009. 658 f. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Recebido em 01 de setembro de 2021 | Aceito em 08 de setembro de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional